

INTRODUÇÃO CRÍTICA

FOME E PESTE

NA FICÇÃO DE RODOLFO TEÓFILO

OTACÍLIO COLARES
da Academia Cearense de Letras

I. A VIDA

RODOLFO (MARCOS) TEÓFILO é, sem dúvida, o mais representativo escritor do Ceará em todos os tempos. Sua obra literária, que não é nenhum modelo em termos puramente estilísticos, é, em compensação, do ponto de vista do regional, sempre tão valorizado pela história e crítica literárias, uma espécie de vultoso monumento em torno do qual, com o passar do tempo, têm vindo abeberar-se ficcionistas e sociólogos de todo o Nordeste brasileiro, até os nossos dias.

O autor de *A Fome* era neto do negociante lusitano Manuel José Teófilo e de Dona Isabel Samico Teófilo. Seu pai, o médico Marcos José Teófilo, nasceu na cidade de Fortaleza, em 22 de outubro de 1821, e formou-se em Medicina na tradicional Faculdade da Bahia, em 13 de dezembro de 1849, vindo a falecer em Pacatuba (Ceará) em 15 de dezembro de 1864, aos 43 anos, portanto.

Sua tese de formatura versou sobre *moléstias de olhos*. Segundo o Barão de Studart, esteve em comissão do governo, como médico, durante epidemias de febre amarela, na região pré-central da província, Baturité, bem assim na zona do litoral leste, Aracati, sem esquecer sua atuação decisiva, quando de um terrível surto de cólera-morbo em Maranguape, nesta última cidade havendo contraído o beribéri, mal de que veio a falecer. Além de Rodolfo, deixou cinco filhos.

Era bisavô de Rodolfo o licenciado em Medicina, e brasileiro, Manuel Gaspar, que também fora formado em cirurgia pelo físico-mor do Reino, “no tempo em que o melhor tratado de terapêutica era o de João Curvo sem Medo”, na expressão do próprio romancista.

Dessa ascendência, em que não deve estar esquecido ser a bisavó de Teófilo uma Feitosa, o que significa dizer — descendente do tradicional e bravo clã secularmente dominante nos Inhamuns — procedem várias peculiaridades individuais do autor de *Violação*, dentre essas o arraigado e como visceral amor à gleba cearense, uma extraordinária capacidade de observar e compreender o Ceará, no vasto leque de suas virtudes e defeitos; o apego quase instintivo à Ciência, como por atavismo e mesmo educação doméstica, ele que se formaria

em Farmácia e trabalharia largo tempo da vida em pesquisas de laboratório, daí, neste ou naquele passo de uma e outra de suas obras de ficção, um certo vezo a cientificismo, a que, aliás, não esteve infenso nenhum dos que, seus contemporâneos, viveram, no Brasil, o fastígio do Naturalismo. Isto sem esquecer, na sua personalidade, o alto sentido de bravura pessoal e independência de atitudes, que foram a constante maior de sua vida.

Baiano por acidente, mas descendente direto de cearenses, aos onze anos, quando lhe morreu o pai, em Pacatuba, a sensibilidade plástica do menino Rodolfo já estava impregnada de sensações que as conversas dos maiores, resguardadas na memória das gerações sucessivas, ficar-lhe-iam acumuladas no subconsciente, para eclodirem, depois, nas estórias longas e curtas que nos deixou, verdadeiros murais em que a crua realidade humana e ecológica correm parêlhas com o fantástico, todos esses imensos painéis vibrados nas tintas pungentes da tragédia.

No tocante ao espírito de bravura e independência pessoais e do enraizado amor à gleba em que viveu agitada vida, a partir dos onze anos, interessante será que se transcrevam trechos memorialísticos do melhor sabor, em que o autor de *O paroara*, já vencidos 66 anos, escrevia:

Não havia entrado a missa (*na igrejinha de Nossa Senhora do Rosário, ainda hoje preservada no centro urbano da Fortaleza*)¹ e já se achava meu bisavô perfilado na Capela-Mor, todo reverente com os olhos fitos no Crucificado, esperando que começasse o sacrifício.

Estava naquela adoração muda sua alma de crente, quando o despertou, batendo-lhe no ombro, um soldado da guarda do governador Robim,² para dizer-lhe estas palavras que quase o fulminaram:

— *Aqui só quem ouve missa é o Sr. Governador e sua real Família.*

Manuel Gaspar ouviu a intimação e o seu espírito vibrou num arrepio de revolta.

A imagem da Pátria desenhou-se em sua mente, e ele sentiu a posição humilhante dela, serva de um país pequeno, de homens atrevidos e ambiciosos que levavam o seu poderio até dentro dos templos! Quis gritar ali mesmo, perante Deus que irmanou os homens, a independência de sua pátria, quebrar os ferros do grilhão português.

¹ O grifo é nosso.

² Refere-se Teófilo a Francisco Alberto Robim (ou Rubim), capitão-de-mar-e-guerra, comendador da Ordem de Cristo, nomeado para o governo do Ceará por carta patente de 23 de dezembro de 1819. Figura curiosíssima, baste para refletir-lhe a feição imponderável o que dele diz o Barão de Studart, em *Datas e fatos para a história do Ceará*: "No ato da posse, Robim repreendeu publicamente os vereadores de Fortaleza por não terem ido buscá-lo à casa e obrigou-os a abandonarem as insígnias para pegar nas varas do pátio quando voltou para casa." A posse de Rubim ocorreria em 13 de julho de 1820.

Humilhado, saiu da igreja, rumo de casa. Ia desesperado. Aquele grande espírito não se conformava com o cativo.

Chegando ao lar, disse à mulher numa voz cujo timbre exprimia a tempestade que lhe ia na alma:

— *Senhora Dona Joana, arrume as malas, que em terra em que marinheiro³ manda até dentro da igreja eu não moro!*

Aquelas palavras eram uma sentença, um fato consumado. Entrar a mulher em considerações não demoveria o marido de seu propósito. Nunca houve na vida quem fizesse o Sr. Manuel Gaspar mudar de opinião. Quem seria capaz de fazê-lo torcer o rumo, uma vez convencido de que ia direito?

A Senhora Dona Joana valeu-se das lágrimas, porém inutilmente. Tempos depois, meu bisavô, com mulher e filhos, formando grande caravana, deixava Fortaleza em rumo do sertão.

Quando perguntavam qual era o seu destino, respondia: — *uma terra que seja dos brasileiros.*

Em Baturité fez estações, obrigado pelo adiantado estado de gravidez da mulher, até que teve esta a criança e acabou o resguardo.

Restabelecida a Senhora Dona Joana, prosseguiram a viagem, estacionando em Quixadá. Ali, encontrando meu bisavô muitos doentes, demorou-se no serviço de sua profissão um ano, tempo em que lhe nasceu mais um filho.

Logo que minha bisavó pôde fazer viagem, puseram-se a caminho. A travessia agora era longa, cem léguas talvez, no rigor do inverno, com criancinhas de peito.

Só o ânimo varonil do Sr. Manuel Gaspar e o seu espírito forte venceriam as agruras de tão penoso caminho.

Diversas vezes escaparam da morte na travessia dos rios, que o rio fazia caudais. No rio Jaguaribe, quase morreram afogados em consequência do viremento de uma balsa. Se não fosse meu bisavô exímio nadador, e não possuísse uma presença de espírito fora do comum, ter-se-iam ali acabado todos os seus.

Depois dos dias penosíssimos daquela ingrata jornada, chegou o aventureiro ao Tauá, terra de sua mãe.

Os seus avós o receberam e hospedaram com carinho, *completamente esquecidos da ofensa que lhes fizera a filha, fugindo para casar* [Grifo nosso].

Não se lembravam mais da cena passada, havia quarenta anos, quando deram por falta de sua primogênita, uma linda rapariga de vinte anos, a mais bela flor daquela ribeira.

Toda a família Feitosa pôs-se em campo, à pista. Quem se atreveria a ofender aqueles senhores feudais no domínio absoluto do bacamarte, que não pagasse com a vida!... Foi decretada a sentença de morte do atrevido que teve a ousadia de raptar uma Feitosa, fosse um príncipe, para com ela casar-se.

Reunida a família em conselho, foi acordado que o irmão mais velho da raptada partisse imediatamente com quatro *peitos-largos*, dos mais perversos e valentes, no encalço dos fugitivos. Encontrados que fossem, seria morto o raptor e deixado aos urubus, sem cova e sem cruz, e a raptada, trazida à casa paterna, para, se conservasse a inocência, ser metida em custódia o resto da vida; impura, morta à faca.

³ *Marinheiro* era palavra pejorativa e de desprezo com que os brasileiros de Pernambuco, a partir da Guerra dos Mascates, de 1817, denominavam os lusitanos. Até princípios deste século, o cognome depreciativo teve vasta circulação em todo o Nordeste.

Encerre-se aqui a longa citação desta que é uma das mais fortes expressões de uma verdade familiar, saída que foi da pena já experiente do escritor amadurecido. Uma dentre as onze excelentes crônicas, se assim podemos chamá-las, constitutivas do livro que ele denominou *Cenas e Tipos*.⁴ Até chegar a seu final, sabe-se da viagem aventureira que fez o bisavô do memorialista, em sua retirada voluntária, até chegar às margens do rio São Francisco, onde se estabeleceria, criando assim algumas raízes baianas para a família cearense do escritor...

Em face disto, o consenso geral, entre os estudiosos da literatura cearense, e nós com eles, não justificando o fato de não haver o honesto e cuidadoso Barão de Studart incluído em seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense* a biobibliografia do poeta da *Lira sertaneja* e do historiador das secas no Ceará, como se não fora meramente accidental o nascimento na Bahia do romancista de *Os brilhantes* e *Maria Rita*, quando o mesmo Guilherme Studart destaca, ao fazer a parte final da biografia do genitor (cearense) do autor dos contos de *O cunduru*: "Deixou seis filhos entre os quais Rodolfo Teófilo, o conhecido romancista."

II. A OBRA

Quando, para uma segunda edição do romance cearense-amazônico de Rodolfo Teófilo *O paroara*,⁵ iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, fizemos-lhe o prefácio, ali escrevemos:

No tocante ao Rodolfo Teófilo homem de letras, sua obra é valiosa, antes de tudo, pelo tom de sincera regionalidade, não a puramente superficial e pouco durável, antes, uma regionalidade por ele encarada em termos de observação e pesquisa profundas, de preocupação de descobrir e revelar o lado verdadeiro dos grandes dramas e das grandes alegrias da terra que sempre considerou a sua.

Também, naquela oportunidade (e nada, depois, nos fez modificar o pensamento), dizíamos ser Rodolfo Teófilo, como ficcionista, "enquadrável cronologicamente entre o Romantismo decadente e o Realismo-Naturalismo em euforia no Brasil, em fins do passado século."

⁴ Rodolfo Teófilo. *Cenas e tipos*. Fortaleza (Ceará), Editor Assis Bezerra, Tip. Minerva, 1919.

⁵ Otacílio Colares, "*O Paroara* na ficção de Rodolfo Teófilo". Apresentação crítica à 2.^a edição do romance. Publicação da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. Editora Henriqueta Galeno. Fortaleza, 1974.

Mais adiante, pedíamos atentassem a História e a Crítica nacionais para o fato de que, mesmo aqui e ali rendido, talvez até mesmo subconscientemente, aos ditames estadeados pela escola de Zola, Teófilo deveria ser observado, antes do mais, pelo cunho regionalista de suas estórias, todas, sem exceção, reveladoras do chão, da gente e dos costumes cearenses, ora no bucólico garrettiano das descrições do inverno campesino, ora na rudez de cactos de um estilo candente, por vezes naturalmente discursivo e algo retórico, na exaltação de cenas em que a terra e o homem, num complexo de sofrimento e assombro, lembram figurações fantasmagóricas, vizinhas do irreal e imponderável.

Diga-se, aliás, que toda a ficção de Teófilo, constante dos romances *A fome*, *Os brilhantes*, *Maria Rita* e *O paroara*, da novela *Violação* e da coletânea de contos *O cunduru*, este último livro o único escrito e publicado no presente século (1910), oferece, neste ou naquele passo, como em passos de mágica, concessões por assim dizer geniais ao fantástico, o que nos deixa, mesmo leitores atentos e habituados, naquela situação de enleio e dúvida a que, com muita justeza, alude Irène Bessière, em seu precioso livro *Le Récit Fantastique*:

A narração fantástica provoca a incerteza, quando do exame intelectual, porque põe em ação dados contraditórios reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias.

A fome, primeiro romance e primeira obra em livro de Rodolfo Teófilo, trai, no longo texto de 507 páginas (a 2ª edição, de 1922, que repete prefácio de Virgílio Brígido, sem modificações, é de 363 páginas, com pequenas alterações de palavras apenas) o escritor já amadurecido, quer no trato dos temas central e colaterais, quer na maneira peculiar do estilo, que aqui e ali pressupõe o reflexo das leituras juvenis dos romancistas românticos, portugueses sobretudo, embora o que predomine, já então, no tocante à maneira de escrever, seja a despolicuada concessão ao coloquial, pois soaria falso um romance que, tratando material humano e ecológico de características eminentemente adversas do requinte nobre ou do fausto burguês, tivesse o seu compositor a enquadrar seu estilo ou nos moldes poéticos dos romances de Alencar ou no bem-comportado e mesmo lisboeta escrever de Machado de Assis.

Para ambiente e temas agrestes, somente pode haver lugar para um estilo agreste. Não seria Euclides da Cunha a eminência que hoje é, e singular, no quadro de uma literatura, houvesse escrito o monumento d'*Os sertões* na linguagem em que Taunay escreveu as páginas belíssimas do seu romance *Inocência*, onde o homem nada mais é do que uma conseqüência da vastidão imensa das florestas e rios.

Em Teófilo, como em Euclides, guardadas as devidas proporções, a aspereza dos estilos é decorrência, quando não imposição, das peculiaridades chocantes da região a ser transformada em ambiente e do drama de adaptação e vida do homem na referida região.

Os que, na contemporaneidade do escritor e algum tempo ainda depois de seu desaparecimento, fizeram-lhe restrições ao estilo, por certas “deselegâncias” e certa arbitrariedade no trato descompassado de um romance como *A fome*, longe estavam de prever a época que se alcançaria, na ficção, de uma liberdade absoluta de estruturação de uma peça que, queiram ou não queiram os eternos conservadores, há de ser, para alcançar foros de espontânea comunicação sensorial e intelectual, uma espécie de reflexo do complexo anímico responsável por seu surgimento de obra de arte.

Hoje em dia, aliás, já se pode notar, pelo menos no tocante a *A fome*, ser ele um dos romances de Teófilo em que o escritor está mais facilmente revelado como tal, valendo mais uma vez o alto grau de sinceridade do seu manejo vocabular e a extraordinária arte da construção da frase, o que nos leva, mesmo quando a trama do romance propriamente dita faz concessões ao documental, a viver como se tudo fora de pura criação.

Quando da apresentação crítica que escrevemos, já atrás citada, para a 2ª edição de *O paroara*, de Teófilo, afirmamos, com a segurança de uma visão absolutamente abrangente que então julgávamos ter, ser *A fome* “um dos mais chocantes livros de Teófilo, senão um dos mais chocantes da ficção brasileira em todos os tempos”, salientando não se ter atemorizado seu autor, mesmo em face do que, contado em livro de ficção, por suas características de barbaridade, passa para o domínio do fantástico. E exemplificávamos com a dantesca descrição que faz o escritor cearense da cena de um personagem de seu romance, chegado ao estado máximo da alucinação pela fome, que chega a conservar por três dias uma criança morta, de cuja carne se servia para sustento.

Até que ponto o pormenor patético é da criação do romancista e até que limite será documental, difícil se torna ao contemporâneo aquilatar devidamente. Vale apenas registrar que a cena antropofágica lá está, com menor arte, ao nosso ver, no romance *Os retirantes*,⁶ de José do Patrocínio, estória de valor mais jornalístico que propriamente literário, embora disposta em trama novelística, contemporânea de *A fome*. Aparece também a cena, não acontecendo na trama, mas aludida por personagens que conversam de secas, no primeiro romance de Rachel de Queiroz, *O quinze*.

⁶ José do Patrocínio. *Os retirantes*. Rio de Janeiro, Editora Três, 1973. (A 1.ª edição é de 1873).

Ainda com respeito à estruturação de *A fome*, escritor estreante, Rodolfo Teófilo, ao publicar o livro, como que arreceou-se de determinar-lhe a categoria, o gênero, tanto que lá está, na capa, abaixo do título *A fome*, o subtítulo: *Cenas da seca no Ceará*. A mesma situação se verificou, quando, em 1922, ou seja, em vida ainda do autor, 32 anos após, saiu publicada a 2.^a edição já atrás referida, o que, entretanto e paradoxalmente, não ocorreu, quando, em 1919, antes pois da segunda edição a que aludimos, o escritor alinhava como *romance* o seu livro extraordinário de estréia, ao lado das outras obras de ficção — *Os brilhantes*, *Maria Rita* e *O paroara*. Tal rol está no já por nós ventilado *Cenas e tipos*, livro que reúne, ao lado de trabalhos rememorativos ou de cunho científico-jornalístico, como *O Ceará ferreiro da maldição*, *Moedeiros falsos* e *Através do passado*, peças eminentemente literárias, como *O bebedouro*, um como *corte* extraordinariamente pungente, detalhe, talvez de um romance que não chegou a ser feito, em que se pinta o drama de um homem a cavar em terra enganadora a última cacimba salvadora, perante o olhar longo das últimas reses de um rebanho em fim de sua destruição. Ou como o conto que intitulou *A troca da costela*, inspirado num romance de Tolstói, e que foge à temática regional, situando-se mais no requintado campo do retrato social, pelo estudo inteligente do complexo carne-alma da mulher. Uma espécie retardada, no autor maduro, da ficção psicológica, tão comum em princípios deste século.

A propósito do chocante a que aludíamos em *A fome*, no trabalho de apresentação de *O paroara*, diremos que, então, não conhecíamos esse romance realmente patético e épico em sua grandeza bárbara que é *Deserdados*,⁷ do genial e atrevido, injustiçado e esquecido Carlos de Vasconcelos, que este, sim, ao contrário do que fez Teófilo em seu romance biterritorial, cearense-amazônico, compôs o verdadeiro, sofrido e brutal romance do cearense na *Hiléia*. Na Amazônia do alto Purus, das margens misteriosas de seu longínquo afluente, o rio Iaco, já nas lindes do território brasileiro com o Peru.⁸

Se em *A fome* a paisagem do Nordeste abandonado e heróico é retratada através das gradações espectrais da desnutrição e da penúria, com seu caudal de verdades sociais e econômicas aviltantes, chegando às raias do inacreditável, em *Violação*⁹ a estória, pelo alto poder de dramaticidade que se cristaliza no desfecho, comportou-se no que seu

⁷ Carlos de Vasconcelos, *Deserdados*. Rio de Janeiro, 1.^a edição, 1921; 2.^a edição, 1922.

⁸ Sobre Carlos de Vasconcelos, poeta maldito e romancista do cearense na Amazônia, ver estudo nosso, no livro em preparo *Lembrados e esquecidos IV*.

⁹ R. Teófilo. *Violação*. (Ceará), Militão Bivar, Editor. Tip. Minerva, Fortaleza, 1898.

autor classificou de conto, não só à época da publicação,¹⁰ mas ainda numa relação de obras do autor, acompanhando a edição de *Cenas e tipos*, já duas vezes por nós citado e que saiu a lume, como já foi dito, em 1919, 23 anos após o aparecimento da curta mas intensa estória. Uma estória, ou melhor, um episódio dramático, que tem sua origem, evolução e desfecho macabro à conta da bestialidade gerada em cérebros elementares, no delírio da febre e da lubricidade sem freios, tudo como consequência do advento de uma peste de cólera-morbo.

Na verdade, *Violação* é fruto, quanto ao enredo e seu final dantesco, de uma forte e ousada imaginação criadora, cevado no húmus de lembranças infantis do autor.

Filho de médico, como é sabido, já vimos que esteve seu genitor, o Dr. Marcos José Teófilo, em comissão do governo, na então vila de Maranguape, ao tempo em que sobre aquela zona de entre montanha e litoral do Ceará se abateu o terrível flagelo do cólera-morbo.

Segundo registra o Barão de Studart em seu nunca por demais louvado *Datas e fatos para a história do Ceará*¹¹ no dia 5 de abril de 1862, “manifesta-se na província, pela primeira vez, a epidemia de cólera-morbo, declarando-se o flagelo na cidade do Icó, por transmissão do centro da Paraíba”. Para prosseguir, em pormenorização que nos interessa:

A epidemia, que tomou ali proporções aterradoras, propagou-se a muitos outros pontos da província. Na capital começou a reinar no dia 13 de maio. Em Baturité, Pacatuba, *Maranguape*, etc. fez horríveis estragos. Em fins de agosto do ano seguinte, achava-se extinta a epidemia em toda a província, elevando-se a mortandade a 11 mil vítimas.

Partindo da verdade dolorosa que, em criança, testemunhara, levando-se em conta que, como filho de um médico, o único de uma localidade empestuada, viu e sofreu muito, na sua sensibilidade aguçada de criança, chega-se à conclusão de que, embora o encaminhamento do que chamaremos a “novela” *Violação* tenha tido por ponto de partida e por ambiente uma ocorrência real num cenário também real, coube ao imaginativo que sempre houve em Teófilo armar o *pathos* com que sua estória curta pode passar aos fastos da ficção nacional como a mais ousada, no campo do inacreditável, por ser terrífico em demasia.

É interessante, à guisa de ilustração e sem querermos ser importunos, chamar atenção para essa preocupação com as idéias e teses au-

¹⁰ Ver, no livro, a relação das obras do autor. Lá está, como a então mais recente obra de Teófilo, *Violação — contos*.

¹¹ Dr. Guilherme Studart, *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza (Ceará), Tipografia Studart, 1896.

daciosas que foram apanágio dos ficcionistas cearenses de fins do passado século, dentre eles, além de Teófilo, Adolfo Caminha, com a temática de *Bom-crioulo*, de perversão sexual masculina, e o já por nós citado Carlos de Vasconcelos, com o mirabolante de contos como *Os miolos do amigo* e *Paixão lésbica* e ainda *Mademoiselle Squelette*, que já tivemos oportunidade de estudar em nosso *Lembrados e esquecidos III*, de 1977.

Que o tema predominante, o clima mefítico e de agonia coletiva têm base na brutal e chocante realidade da peste, não há como pôr em dúvida; sabida em seus primórdios a biografia do escritor, todos sentimos a memória nestas linhas iniciais da novela impressionante:

A triste cena de bruteza humana que vou narrar passou-se em 1862, na epidemia do cólera-morbo, em uma das vilas do litoral do Ceará.

Era eu bem criança; tinha apenas nove anos, mas conservo estereotipado em mim tudo que vi daquela medonha peste.

Meu pai era o único médico do lugar quando se deu a invasão do mal. Havia meses em que o flagelo devastava os sertões da província, e de lá vinham as mais desoladoras notícias. Tudo estava se acabando no interior, morria-se em poucas horas, dizia a nova popular em seu costumado exagero, e assim se espalhava de tenda em tenda, deixando em sua passagem o gérmen do desconforto a desenvolver-se e a crescer.

Atentemos, antes de tudo, para o estilo simples, equilibrado, pouco adjetivado do escritor de 1898, no trato de um tema em que a morte não assumia o sentido do fim que se luta para não sobrevir, que este era o caso de *A fome*. O que predomina, ao largo das 103 minipáginas do livrinho de formato 10x16 da coleção "Biblioteca da Padaria Espiritual", é a sensação por assim dizer dostoiévskiana de apatia, à espera do mal irremediável, isso influenciando na maneira pouco agressiva do modo de escrever do autor.

Longa demais talvez, para justificar-se como conto, *Violação* deve ser hoje classificada de novela, justamente porque seu enredo, de poucos personagens marcantes, apresenta como elemento de maior impacto aterrador a própria peste.

Ao evolver do trecho, verifica-se que a estória abarca duas épocas: a do advento do flagelo, quando o narrador era criança, e o tempo presente da narrativa, em que ele, passados muitos anos, volta à vila, onde não conhece mais ninguém e ninguém o conhece.

Entre as duas épocas, um trágico elemento de ligação: um moço que, ao começar a estória, faz ao médico, pai do narrador, uma confidência tão terrível que este não resiste às demonstrações do maior assombro. Diante da curiosidade do filho confidente, que deseja saber o segredo, o médico diz: "— Quando fores homem, pede-lhe que te conte a sua triste estória."

Entre esta passagem inicial da novela e seu final, há toda uma série de acontecimentos colaterais, muitos deles traindo simples obser-

vação, até que o narrador-memorialista se encontra com o moço da revelação sigilosa. Escapara ele à epidemia, mas a sua fisionomia era de espectro e um molambo era seu corpo. Instado a contar ao homem adulto aquilo que o pai do menino não se animara a contar, o moço de antanho narra ao menino do tempo da peste toda a sua tragédia: a violação da noiva morta, no cemitério dos pesteados, em circunstâncias terríveis, vizinhas do fantástico, revelando-se Teófilo, nestes lances mais altos, um autêntico mestre da narrativa.

Não cabe, neste caso como no de *A fome*, tornar conhecido o enredo da obra-prima. Nossa tarefa terá sido apenas orientar o leitor do futuro, para certas peculiaridades não serem desprezadas, à conta de leitura apressada, que isto não deve ocorrer, quando se lêem obras cuja reedição, há tanto esperada, é a prova de que elas, quando nasceram para as letras nacionais, traziam a marca da imortalidade.

Fortaleza, 18.3.1978.